



HISTÓRIA PROFUNDA E HISTÓRIA NATURAL EM W. G. SEBALD

Paula Carolina Betereli*

* carolinabetereli@gmail.com
Mestre em estudos literários pela FALE-UFMG. Atualmente cursa doutorado na mesma instituição.

RESUMO: No presente artigo, analisaremos a formação dos conceitos de história, história profunda e história natural em relação à obra do escritor alemão W. G. Sebald. Discutiremos também acerca da criação de um possível paradigma da modernidade e seu desdobramento no que tange o tópico das grandes catástrofes ambientais.

PALAVRAS-CHAVE: W. G. Sebald; Bruno Latour; antropoceno.

ABSTRACT: In this paper, we will analyze the formations of the concepts of history, deep history and natural history in its relations with the work of German writer W. G. Sebald. We will discuss also about the creation of a possible paradigm of modernity and its impact regarding the topic of major environmental disasters.

KEYWORDS: W. G. Sebald; Bruno Latour; anthropocene.

1. O MITO E A INVENÇÃO DA MODERNIDADE

Durante as conferências proferidas na Universidade de Zurique no ano de 1997, o autor alemão W. G. Sebald, refletindo a famosa passagem de Marx – “Vê-se como a indústria, em sua história e em sua existência, que se tornou objetiva, é o livro aberto das forças da consciência humana, a psicologia humana existindo em sua forma”¹ – faz as seguintes perguntas ao público presente:

A história da indústria como o livro aberto do pensamento e sentimento humanos – é possível que a teoria materialista do conhecimento, ou outra teoria do conhecimento qualquer, subsista diante de tal destruição? Ou não temos aí, pelo contrário, o exemplo irrefutável de que as catástrofes que, de certo modo, preparamos sem notar, e depois parecem irromper de repente, antecipam numa espécie de experimento o ponto em que, de nossa história que por tanto tempo consideramos autônoma, recaímos na história natural?²

Para ensaiar uma reflexão acerca das indagações propostas pelo autor, propomos partir de definições (as mais simples possíveis) dos termos “nossa história” e “história natural”. Sob a insígnia de “nossa história” podemos compreender a história humana, ou seja, a história que data do início do holoceno, 10.000 anos a. c., até os dias de hoje. Paralelamente, podemos designar a história humana como a história do

ecúmeno, ou seja, a história dos lugares em que é possível aos seres humanos habitar. A este termo, podemos agregar um segundo, que chamaremos de história profunda, ou seja, aquela que se inicia com a Terra, há cerca de 4,5 bilhões de anos a. c. Essa história compreende, além da história humana, a história do planômeno, ou seja, a história do conjunto de todos os seres de vida livre – por exemplo, as cianobactérias, responsáveis maiores pela criação de um ambiente humanamente respirável, repleto de oxigênio. A essas duas definições básicas de história, agregaremos a história natural. O termo advém de diversas fontes antigas, entre elas a enciclopédia *Naturais Historiae*, escrita pelo naturalista romano Plínio, o Velho, publicada entre 77 e 79 d. c., que inclui: a descrição matemática e física do mundo; geografia e etnografia; antropologia e fisiologia humana; zoologia; botânica, incluindo agricultura, horticultura e farmacologia; farmacologia zoológica (veterinária); e mineralogia. A partir do século XVII, o termo vem a designar os estudos científicos, contrapostos à história política, ou seja, à história humana, e é hoje empregado geralmente para designar o estudo das coisas vivas, e aí se enquadram a biologia, a botânica e a zoologia, por exemplo.

Tal divisão que simultaneamente separa a história humana da história natural e da história profunda parece refletir a Constituição dos modernos que Bruno Latour explicita

1. SEBALD. *Guerra aérea e literatura*, p. 63 e 64.

2. SEBALD. *Guerra aérea e literatura*, p. 63 e 64.

em seu livro *Jamais Fomos Modernos*. Citando os livros *The Leviathan and the Air-Pump* dos historiadores da ciência Steven Shapin e Simmon Schaffer, o autor situa dois atores como os pais fundadores da Constituição moderna: Robert Boyle, cientista, criador da câmara de vácuo, um artefato dentro do qual é possível recriar diversos fatos ditos naturais que, se observados por um público seletivo e instruído dentro de um laboratório, deles se extrairiam leis gerais da natureza; e Thomas Hobbes, teórico da política, que concebe a “República enquanto criação artificial paradoxal, composta de cidadãos unidos apenas através da autorização dada a uma pessoa para representá-los todos”³, através do contrato social, sendo tal pessoa o próprio soberano, o Leviatã. Tais atores que em tudo estariam em concordância – “ambos desejam um rei, um parlamento, uma igreja dócil, e são adeptos fervorosos da filosofia mecanicista”⁴ – divergem, entretanto, quanto aos métodos empregados. Enquanto Boyle reafirma o princípio jurídico e sacerdotal do testemunho de poucos, evocando a “cláusula da lei sobre a traição de Claredon de 1661 segundo a qual [...] dois testemunhos bastam para condenar um homem”⁵, Hobbes afirma que “todos os seus resultados são obtidos não através da opinião, da observação e da revelação, mas sim através da demonstração matemática”⁶, advinda de uma concepção mecanicista do próprio cérebro humano. Ou seja, enquanto Hobbes reduz e reunifica o corpo político à unidade absoluta do Leviatã, Boyle e a Royal Society, ao criar

o método empírico, dividem tudo novamente e, ainda por cima, relegam à mera observação – a submissão do conhecimento aos enganosos sentidos – o núcleo fundamental de seu método. Entretanto, Latour argumenta que *as duas invenções* são, na verdade, *uma dupla invenção*, um duplo artifício que produz uma simetria capaz de explicar ao mesmo tempo a natureza e a sociedade.

São dois pais fundadores, agindo em conjunto para promover uma única e mesma inovação na teoria política: cabe à ciência a representação dos não-humanos, mas lhe é proibida qualquer possibilidade de apelo à política; cabe à política a representação dos cidadãos, mas lhe é proibida qualquer relação com os não-humanos produzidos e mobilizados pela ciência e pela tecnologia. [...] Se formos até o fim da simetria entre as duas invenções de nossos dois autores, compreenderemos que Boyle não criou simplesmente um discurso científico enquanto Hobbes fazia o mesmo para a política; Boyle criou um discurso político de onde a política deveria estar excluída, enquanto que Hobbes imaginou uma política científica da qual a ciência experimental deve estar excluída. Em outras palavras, eles inventaram nosso mundo moderno, um mundo no qual a representação das coisas através do laboratório encontra-se para sempre dissociada da representação dos cidadãos através do contrato social.⁷

3. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 25.

4. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 22.

5. SHAPPIN; SHAFFER *apud* LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 28.

6. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 25.

7. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 33.

O que Latour vai chamar de Constituição moderna se baseia no conceito de que a segregação das coisas e dos sujeitos, da ciência e da política, advinda da dupla polarização Boyle – coisas-em-si/ Hobbes – homens-entre-si, é responsável justamente pela multiplicação numa escala nunca antes vista de híbridos, ou seja, de objetos mistos de humano e não-humano. Entretanto, quanto mais se criam objetos híbridos, mais se faz necessário o trabalho de constante purificação que retém os objetos em um ou outro polo – denominados “Natureza” e “Sujeito/Sociedade” – conforme a necessidade. “Este é todo o paradoxo dos modernos: se levamos em consideração os híbridos, estamos apenas diante de mistos de natureza e cultura; se considerarmos o trabalho de purificação, estamos diante de separação total de natureza e cultura”⁸. Tal processo não seria tão simples se não houvessem – como há em toda constituição – termos que garantam o seu funcionamento. O quadro proposto por Latour resume claramente quais seriam elas e em que paradoxos estariam baseadas:

“Por crer na separação total dos humanos e não-humanos, e por simultaneamente anular essa separação, a Constituição tornou os modernos invencíveis”⁹. O alastramento tanto espacial quanto temporal da modernidade se explica pela força mesma de seus paradoxos. E da categoria “moderno” decorre o termo “pré-moderno”, os “pobres coletivos” que, nas palavras de Latour, “foram acusados de misturar horripelmente

Primeiro paradoxo		
A natureza não é uma construção nossa: ela é transcendente e nos ultrapassa infinitamente.	A sociedade é uma construção nossa: ela é imanente à nossa ação.	
Segundo paradoxo		
Nós construímos artificialmente a natureza no laboratório: ela é imanente.	Não construímos a sociedade, ela é transcendente e nos ultrapassa infinitamente.	
Constituição		
Primeira garantia: ainda que sejamos nós que construímos a natureza, ela funciona como se nós não a construíssemos.	Segunda garantia: ainda que não sejamos nós que construímos a sociedade, ela funciona como se nós a construíssemos.	Terceira garantia: a natureza e a sociedade devem permanecer absolutamente distintas; o trabalho de purificação deve permanecer absolutamente distinto do trabalho de mediação.

as coisas e os humanos, enquanto que seus acusadores conseguiram enfim separá-las totalmente...”¹⁰. A supressão dos mitos das chamadas sociedades modernas e sua consequente segregação aos coletivos pré-modernos é somente um capítulo dessa história, capítulo ao qual nos detemos por agora.

Consideremos o mito enquanto um híbrido: humano e não-humano; divino e natural; transcendente e imanente. Tal híbrido, entretanto, resiste ao trabalho de purificação:

8. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 35.

9. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 42.

QUADRO 1
LATOUR, *Jamais fomos modernos*, p. 37.

10. LATOUR. *Jamais fomos modernos*, p. 44.

14. LÓPEZ. *Mito, filosofia e literatura*.

11. LÓPEZ. *Mito, filosofia e literatura*.

12. César López é mestrando da FALE-UFMG. Atualmente desenvolve pesquisa acerca das relações entre literatura e xamanismo.

13. A palavra “relativo” empregada aqui se refere, segundo César, ao conceito de relativismo de Bruno Latour. Segundo López, “o relativo tem a ver com a relação sempre possível antes que o questionamento da verdade e a validez de tudo. Ou seja, a verdade é uma construção relativa porque está feita de diversos pontos de vista: o pão que nos comemos é terra e água, é padeiro, é padaria, é luz, etc. A capacidade de pensar todos estes laços nos tira da unidimensionalidade ou monologismo”.

não convence que ele seja puramente natural e imanente, ou puramente divino e transcendental. Por não se adequar bem aos preceitos constitucionais, ele é banido das sociedades modernas pelas luzes da razão. Entretanto, isso não parece ser o bastante, pois não somente subsistem os mitos antigos como os modernos continuam a criar os seus próprios mitos. Mas qual é a forma de subsistência do regime mítico no seio da modernidade, dado que o mito parece ser justamente a partícula insurreta que, em sua insistência, corrói a engrenagem?

Da mesma forma que dizemos que as cianobactérias habitam a terra há muito mais tempo que nós (e que são, inclusive, grandes responsáveis por nossa existência), essa breve, porém conclusiva paragem da história humana que é a modernidade deve ser cotejada com o fato de que “nós habitamos o mito muito mais tempo do que o Iluminismo”¹¹. Cito aqui parte da comunicação de César López¹² intitulada “Mito, filosofia e literatura”:

[...] o mito foi a primeira e ainda a mais importante máquina de orientação, porque sempre consta de dois movimentos. [...] O primeiro movimento do mito é interpretativo: tenta fazer uma construção e reconstrução do mundo para que o homem possa tomar decisões corretas em relação ao seu entorno social. O relativo¹³ é um fator mítico imprescindível. [...] O segundo movimento do mito, pela mesma razão relativa, pertence a

sua capacidade de interpretar à maneira de um personagem. O interpretante é interpretado na leitura mítica.¹⁴

Ao meu ver, a definição de López é importante pois coteja o mito enquanto máquina de orientação, ou seja, enquanto matriz de nosso pensamento, e não apenas enquanto arcabouço de histórias primitivas e arcaicas, empregadas por povos desprovidos de razão instrumental – os coletivos pré-modernos – para dar sentido a um mundo criado às beiras do caos. O mito, no sentido empregado por César em sua apresentação, pode ser compreendido enquanto moto-contínuo do nosso sistema de pensamento e disso advém sua permanência, que se vê a todo instante refletida em nossos regimes de signos.

2. UMA ÚNICA HISTÓRIA

Em 2014, Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro publicaram um livro intitulado com a pergunta “*Há mundo por vir?*”. O livro se coloca como uma “tentativa de levar a sério os discursos atuais sobre o fim do mundo tomando-os como [...] tentativas, não necessariamente deliberadas, de uma mitologia adequada ao presente”¹⁵. As fabulações míticas acerca do fim do mundo advêm da sensação de decomposição do tempo (o fim) e do espaço (o mundo) que experimentamos diante de uma “súbita insuficiência do mundo”¹⁶. A culpa, é claro, recai diretamente sobre os modernos. Em conferência

15. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 17.

16. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 19.

realizada no mesmo ano de 2014, Viveiros de Castro, citando o historiador Dipesh Chakrabarty, enuncia que

nenhuma discussão sobre a liberdade, desde o período das luzes até o presente, leva em conta a capacidade de agência geológica que os seres humanos estavam adquirindo ao mesmo tempo em que iam conquistando a sua liberdade. E que os dois processos estavam intimamente ligados. Os filósofos da liberdade estavam principalmente, compreensivelmente, preocupados com a questão de como os humanos poderiam escapar da desigualdade, da injustiça e da opressão, ou mesmo da uniformidade imposta a estes por outros humanos ou por sistemas de fatura humana. O período que eu tenho em mente, de 1750 ao presente, foi também um período em que os humanos passaram do uso da lenha e de outros recursos renováveis para o uso de combustíveis fósseis. A mansão das liberdades modernas, diz ele, assenta sobre um consumo permanentemente crescente de combustíveis fósseis. A maioria de nossas liberdades até agora dependeu do consumo intensivo de energia.¹⁷

Dando continuidade às palavras do historiador bengali, Danowski & Viveiros de Castro escrevem na primeira parte de seu livro:

A história humana já conheceu várias crises, mas a assim chamada “civilização global”, nome arrogante para a economia

capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis, jamais enfrentou uma ameaça como a que está em curso. Não estamos falando apenas do aquecimento global e das mudanças climáticas. Em setembro de 2009, a revista *Nature* publicou um número especial em que diversos cientistas [...] identificaram nove processos biofísicos do Sistema Terra e buscaram estabelecer limites para esses processos, os quais, se ultrapassados, acarretariam alterações ambientais insuportáveis para diversas espécies, a nossa entre elas: mudanças climáticas, acidificação dos oceanos, depleção do ozônio estratosférico, uso de água doce, perda da biodiversidade, interferência nos ciclos globais de nitrogênio e fósforo, mudança no uso do solo, poluição química, taxa de aerossóis atmosféricos.¹⁸

Tais eventos contribuem de forma significativa para que a distinção tão minuciosamente elaborada pelos modernos se desfizesse diante de nossos olhos. “As distinções entre ‘ambientado’ e ‘ambiente’, natureza e cultura tornam-se teoricamente e empiricamente cada vez mais problemáticas”¹⁹ ou seja, já não há mais o que nos separe da natureza infinita “lá fora”, a natureza transcendente, assim como o controle que parecíamos deter sobre os fenômenos naturais, passíveis de serem reproduzidos e analisados em laboratório – ou seja, a natureza imanente – se mostra cada vez mais ilusório. A distinção entre história humana e natural começa a ruir.

17. CHAKRABARTY *apud* VIVEIROS DE CASTRO. *A revolução faz o bom tempo*.

18. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 20.

19. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 21.

As catástrofes modernas consistem em experimentos que antecipam o fim do mundo, ou seja, o momento em que recaímos da nossa história diretamente na história natural; o momento em que “como Lévi-Strauss observou repetidas vezes, a ciência que começou a se separar do mito por volta de três mil anos atrás, terminará mesmo por reencontrá-lo”.²⁰ As catástrofes modernas são, portanto, fenômenos do quase-fim, são os quase-acontecimentos dos quais fala Viveiros de Castro, as experiências de quase-morte das quais alguns conseguem retornar para contar a história.²¹ E podemos dizer que em diversos casos, tais histórias constituem as matrizes de muitas das mitologias modernas e contemporâneas. Sob essa visada, propomos uma leitura das narrativas ficcionais de Sebald, nas quais diversas histórias do quase-fim acabam por figurar sob diversas perspectivas.

3. UMA SOMBRA CINZA

O trecho que iremos analisar faz parte do livro “*Os Anéis de Saturno*”. Nesta obra de ficção, o narrador, que empreende uma viagem a pé pela costa norte da Inglaterra, encontra em seu caminho diversas tendas à beira-mar. Não se tratam de antepassados nômades à procura de uma boa morada, mas sim de parques pescadores. Devido ao acúmulo de metais pesados nas águas do Dodger Bank, já não há mais muitos peixes e um terço deles já nasce “com estranhas deformidades e excrecências”.²² No passado, porém, o Mar do Norte

apresentava uma diversidade exemplar de fauna marinha e a superabundância do arenque chegou a ameaçar a indústria da pesca. Cardumes gigantescos eram lançados na costa pelo vento e pelas marés, cobrindo extensões quilométricas. Somente uma pequena parte da safra podia ser recolhida pela população local, enquanto o resto apodrecia em poucos dias, “oferecendo a terrível imagem de uma natureza que sufocava em sua própria abundância”.²³ O arenque servia como “emblema da indestrutibilidade na natureza” e sua pesca, “um cenário exemplar na luta da humanidade com o poder da natureza”.²⁴ A pesca industrial do arenque era de fato tão comum e as quantidades tão elevadas (em 1770, o número de arenques pescados beirava os sessenta bilhões anuais) que os historiadores naturais foram levados a buscar consolo na “ideia de que a humanidade é responsável apenas por uma parcela da infundável destruição que ocorre no ciclo da vida”.²⁵ De fato, nem todas as catástrofes relativas ao arenque pareciam ter participação humana. Aparentemente, o arenque serviria de alimento não somente para nós, mas também para hadoques, rêmoras, congros, cações e bacalhau. Entretanto, fomos nós que empreendemos estranhos experimentos de mutilação do peixe a fim de “compreender” por quanto tempo ele poderia sobreviver fora d’água. Também fomos nós que, observando o brilho que a pele do arenque adquiria após a morte, nos dedicamos a colher a substância luminescente que “conduziria à fórmula para

20. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 17.

21. VIVEIROS DE CASTRO. *A morte como quase-acontecimento*. “A morte é uma coisa que é essencialmente narrada. Toa história que vale a pena contar é uma história que passa pela morte [...] Toda a boa história tem um quase-morri no meio. [...] A boa história é a história na qual se passa perto da morte”.

22. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 63.

23. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 64.

24. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 64.

25. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 67.

produzir uma essência orgânica de luz capaz de se regenerar infinitamente”.²⁶ Fato é que o fracasso desse não representou mais que um “contratempo insignificante na irresistível conquista das trevas”.²⁷

O narrador diz já ter deixado a praia a um bom tempo e se senta em um banco de seixos a beira do lago onde o major George Wyndham Le Strange teria ido morar após sua última participação na Segunda Guerra Mundial: a libertação do campo de Bergen-Belsen. O narrador se lembra de ter lido um artigo de jornal onde se afirma que o major falecido recentemente teria, nos últimos anos de sua vida, dispensado todos os empregados de sua mansão e mantido apenas uma única governanta, a quem lhe pedia somente o favor de jantar com ele todas as noites. Afora esses dados citados pelo jornal, “claramente motivados pela observação”,²⁸ o narrador diz circular em “nas aldeias vizinhas às suas terras algumas histórias referentes ao próprio major, às quais provavelmente se deve dar crédito apenas limitado”.²⁹ Tais rumores diziam, por exemplo, que tendo o major esgotado as suas roupas e não vendo razão em comprar novas, começara a usar aquelas guardadas em baús no sótão, roupas de seus antepassados de outras épocas. Outros diziam tê-lo visto cercado de aves que corriam ao seu redor e voavam a sua volta. Ou ainda que cavara um buraco em seu jardim e lá teria se sentado nu, por dias e noites. “Mas a

mais curiosa de todas as lendas”, conforme cita o narrador, teria sido aquela que se originou na funerária, “segundo a qual a pele clara do major ficara verde-oliva quando ele morreu, seu olho cinza-ganso ficara retinto e seu cabelo níveo, preto feito corvo”.³⁰ E o narrador conclui o trecho em questão da seguinte forma: “Até hoje não sei o que pensar dessas histórias”.³¹

Há, entretanto, o momento em que o narrador, após encerrar suas reflexões sobre o arenque, sentado no banco de seixos, começa a se lembrar do artigo de jornal sobre a morte do major. Trata-se do seguinte trecho:

O lago é circundado pela guirlanda verde de um bosque de árvores decíduas que está morrendo aos poucos, devido à crescente erosão da linha costeira. Sem dúvida, é só uma questão de tempo até que o banco de seixos se rompa numa noite de tempestade e o aspecto de toda a região seja modificado. Mas naquele dia em que me sentei naquela margem calma, era possível imaginar que se contemplava a eternidade. Os véus de névoa que de dia se deslocam na direção da terra haviam se dissipado, a abóbada celeste estava vazia e azul, nenhuma brisa agitava o ar, as árvores pareciam de pintura, e nenhum pássaro voava sobre a água marrom-aveludada. Era como se o mundo estivesse sob uma redoma de vidro, até que imponentes cúmulos vindos do Oeste lançaram lentamente uma sombra cinza sobre a terra. Talvez tenha sido esse escurecimento

26. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 68 e 69.

27. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 69.

28. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 72.

29. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 72.

30. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 74.

31. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 74.

que me fez lembrar de um artigo que eu recortara do Eastern Daily Press vários meses antes, a respeito da morte do major George Wyndham Le Strange [...].³²

Três momentos podem ser descritos através desta observação da paisagem: a condição temporária do lago – a erosão como constante esmaecimento da fronteira entre a terra e a água, e a tempestade (com o conseqüente rompimento do banco de seixos) como uma mutação drástica; uma paisagem praticamente estática que passa a impressão de imutabilidade, “como se o mundo estivesse sob uma redoma de vidro”; o movimento das nuvens, gerando a sombra e o escurecimento. Se o primeiro momento constitui uma imagem da mutabilidade da natureza, o segundo configura justamente o seu contrário, enquanto o terceiro devolve o movimento à paisagem, mas sob a forma das sombras e do escurecimento, que faz lembrar ao narrador justamente uma passagem verdadeiramente catastrófica da história: os corpos empilhados em meio as árvores no campo de extermínio de Bergen-Belsen, imagem que figura em uma fotografia de página dupla. A passagem do mutável ao imutável, do móvel ao imóvel talvez configure a percepção que temos das catástrofes que preparamos sem notar. Afinal, e se fossemos mesmo apenas uma parte da cadeia alimentar que inclui o arenque, e se não tivéssemos realmente participação alguma em muitas das tempestades que se abatem sobre a terra firme? Muitos

bosques foram completamente destruídos apenas por tempestades de raios, ou seja, sem que levantemos contra as árvores um único machado... Mas esse raciocínio seria apenas um reflexo de nossa tentativa de medir as partes, distribuir a culpa e nos segregar da natureza. “Mais uma vez, quebrada a *redoma* que ao mesmo tempo nos separava e nos elevava infinitamente acima da Natureza infinita ‘lá fora’, cá estamos no Antropoceno, a época em que a geologia entrou em ressonância geológica com a moral”. Não é por mera coincidência que Danowsky e Viveiros utilizam exatamente a mesma palavra para designar essa separação: *redoma*. A verdade é que fazemos parte da história profunda da Terra e sempre fomos um “simples agente geológico” entre outros. Entretanto, ingressamos na era em que nos transformamos em uma “força geológica” e por isso vivemos “o fenômeno mais significativo do presente século: ‘a intrusão de Gaia’ (Stengers 2009), brusca e abrupta, no horizonte da história humana [...]”,³³ ou seja, a era em que a história humana recairá, como as catástrofes puderam antecipar, na história natural e em que a história profunda, da qual nunca deixamos de fazer parte, poderá talvez vir à tona.

REFERÊNCIAS

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.

33. DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO. *Há mundo por vir?*, p. 17.

32. SEBALD. *Os Anéis de Saturno*, p. 69.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2013.

LÓPEZ, César. **Mito, filosofia e literatura**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2015.

SEBALD, W. G. **Guerra aérea e literatura**. Com ensaio sobre Alfred Andersch. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEBALD, W. G. **Os Anéis de Saturno**. Uma peregrinação inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A morte como quase acontecimento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4>. Acesso em: 29/06/2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A revolução faz o bom tempo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CjbU1jO6rmE>. Acesso em: 29/06/2016.